

# ESTEREÓTIPOS E O PODER DA MULHER NEGRA: UMA LEITURA COMPARATIVA DO ROMANCE “BARÁ NA TRILHA DO VENTO” E DA ANIMAÇÃO “A PRINCESA E O SAPO”

Scheila Cristina Alves Costa Leite (UFMA)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa o estudo comparativo da representação da mulher negra na literatura e no cinema, através da protagonista negra Bará, do romance “Bará na trilha do vento” de Miriam Alves e da protagonista negra Tiana da animação da Disney “A princesa e o sapo” de Ron Clements e John Musker, 2009.

Para analisar os aspectos ideológicos e sociais dos textos já citados, autores como Bell Hooks e Antônio Cândido serão abordados como suporte teórico, pois o que será analisado nas duas obras é de que forma, elas abordam contribuições construtivas da figura da mulher negra para o bem-estar social como um todo, de acordo com Bell Hooks, e, ainda, com base nos estudos de Antônio Cândido, identificar, no processo interpretativo das duas obras, se os fatores externos (no caso, o social) importam como elemento que desempenham também um papel importante na constituição da estrutura dessas duas produções. E desta maneira, analisando e constatando como o romance “Bará na trilha do vento” de Miriam Alves que fala da história de uma família negra, onde a protagonista Bárbara, representa a força, a dignidade e os valores da cultura negra brasileira, se identifica com a produção da Disney “A princesa e o sapo” que tem pela primeira vez uma princesa negra, que mesmo se transformando num sapo, ilustra também a força da mulher negra enquanto protagonista de sua própria história.

**Palavras-chave:** Animação. Estereótipos. Mulher. Romance.

## 1. INTRODUÇÃO

O romance “Bará na trilha do vento” de Miriam Alves e a animação dos Estúdios Disney “A princesa e o sapo” são duas produções artísticas que dialogam entre si ao exaltar, em suas temáticas, questões referentes a uma ruptura dos padrões estabelecidos, por séculos a fio, de narrativas que sempre trouxeram uma reafirmação de valores eurocêntricos voltados para repetitivos estereótipos em relação aos negros e a mulher na literatura e em outras artes, ao destacar em suas personagens femininas principais valores e características que evocam uma princesa e uma mulher negra que sonham, e, não apenas em encontrar seu príncipe encantado, mas em lutar para se tornar totalmente independentes dele.

A temática destes dois textos em estudo é marcada por condições históricas e

---

<sup>1</sup> Especialista em Literatura Brasileira Contemporânea, UEMA, e-mail: surykatu@gmail.com.

ideológicas que norteiam as regras para a sua construção. Neste caso, uma interpretação

comparativa criteriosa deles permite identificar quão real e inovador podem ser os desenhos e os romances atuais.

O romance “Bará na trilha do vento” de Miriam Alves e a animação “A princesa e o sapo” evocam tanto um novo contexto temático, sem muita força no fenótipo, quanto mostram, através do direcionamento dado pelo seus autores na vida de suas personagens principais que, historicamente estamos acostumados a ver nos romances e filmes, princesas ou mulheres submissas que esperam apenas um príncipe encantado, mas Tiana e Bará são personagens femininas moldadas com personalidades e atitudes aguerridas e fortes, e, muito embora, uma seja norte-americana e outra brasileira, ou seja, culturas diferentes, ambas apresentam comportamentos semelhantes em vários posicionamentos ao longo das duas narrativas.

Assim, este trabalho visa uma análise comparativa entre o filme “A Princesa e o Sapo” e o romance “Bará na trilha do vento”, contemplando de forma específica as personagens femininas principais, a princesa Tiana e a menina Bárbara ou Bará, que trazem em seus personagens muita audácia e uma desconstrução de valores enraizados há décadas. Tiana é uma mulher aguerrida que busca alcançar seus objetivos, não espera acontecer, bem como Bará, ambas são negras e descendem de culturas afrodescendentes de origem simples, e, distintamente de romances e filmes que estamos acostumados, essas duas produções são importantes nos dias atuais, especialmente por tratar de temas como: estereótipos, empoderamento feminino, em meio a um universo tão diversificado no qual vivemos na sociedade do século XXI.

Como metodologia de pesquisa foi utilizada a bibliográfica, mergulhamos nos principais teóricos que pesquisam essa temática de estudos sobre o feminismo e estereótipos, e como eles se intensificam dia a dia na vida de cada sujeito, uma vez que somos frequentemente bombardeados por imagens que trazem uma intencionalidade, pois ao longo dos tempos, a representação das mulheres negras não se alterou muito na literatura brasileira ou no cinema norte-americano, mas, mesmo assim, não se pode negar uma melhora, pois o negro neste século começa a ser, ainda que moderadamente, bem apresentado e empoderado em certas produções artísticas, fato que contribui para a sua justa e digna imagem perante a sociedade.

Assim, os estudos sobre feminismo e estereótipos da autora Bell Hooks, bem como os estudos sobre a importância de elementos sociais externos na construção das temáticas de textos literários na visão do teórico Antônio Cândido, serão importantes para mostrar o desenvolvimento e o empoderamento da mulher negra na sociedade moderna.

## **2. O NEGRO NO BRASIL E NOS EUA, BELL HOOKS E ANTÔNIO CÂNDIDO**



O preconceito está na sociedade desde os primórdios, mas ninguém sofreu tanta discriminação quanto os negros. Contudo, o preconceito não é vivido igualmente nas diferentes partes do mundo. As questões discriminatórias e excludentes, no que tange a raça, revelam diferentes histórias e lutas pelas condições igualitárias no Brasil e nos EUA.

De acordo com o filósofo e economista Eduardo Gianetti, no Brasil, onde o número de negros e pardos supera o de brancos, a discriminação dos negros tem uma natureza mais social do que racial, pois o abismo social no Brasil, e não só aquele entre negros e brancos, é enorme e permeado de preconceitos, diferentemente do que ocorre nos EUA, onde a discriminação é de raça, evidenciada com a segregação racial.

A experiência dos negros norte-americanos não pode ser comparada com a dos afro-brasileiros. O autoritarismo e as relações raciais no Brasil, onde não existe a segregação racial imposta pelo Estado, como se verifica na segregação norte-americana ou no apartheid sul-africano, podem explicar as diferentes trajetórias das lutas negras no Brasil e nos EUA, bem como esclarecer que o caráter substancialmente mais relaxado da hierarquia racial brasileira trabalha para minar a mobilização política afro-brasileira de múltiplas maneiras, fato que não ocorre nos EUA, nos quais o movimento dos direitos civis do negro surgiu e teve suas vitórias mais retumbantes na região mais tradicionalista, autoritária e repressiva desse país: o sul dos EUA.

O Brasil orgulha-se de ser um país que vive uma democracia racial, enquanto os EUA são conhecidos pela rudeza de suas relações raciais. Mas, considerando a história, os avanços conseguidos pelos afro-americanos foram extraordinários em comparação aos afro-brasileiros, tendo em vista que os negros norte-americanos têm provado, desde a Segunda Guerra Mundial, a sua força política substancialmente maior na vida de seu país do que os negros brasileiros.

Os avanços políticos dos afro-americanos permearam os anos 50, 60 e 70, principalmente nos níveis locais e estaduais, levando-os a desenvolver instituições sociais e culturais próprias e, por isso mesmo mais autônomas, como a segregação racial exigiu nos EUA. O que não ocorreu no Brasil, que ao permitir a integração dos afro-brasileiros, ainda que em termos de inferioridade, nas instituições básicas da sociedade, reduziu a necessidade do negro brasileiro de compartilhar com os negros norte-americanos a tradição de igrejas e faculdades independentes, que favoreceriam consideravelmente a formação da base ideológica, institucional e de liderança.

Com relação a mulher negra, a herança cultural do patriarcado oprime tanto mulheres negras quanto brancas. Mas no decorrer da História, as mulheres negras nunca foram consideradas frágeis, essa é uma característica da mulher branca elitizada, pura e delicada, e o racismo é um problema específico da mulher afrodescendente e precisa ser combatido para que haja a construção de países que promovam a igualdade de gênero e raça.

A mulher negra passou por séculos de escravidão, submetida a escravidão sexual e a trabalho braçal forçado, fato que ocasionou, no imaginário popular, a sua estigmatização como ser humano hipersexualizado, reforçando a discriminação e a violência contra ela. A mulher branca começou sua luta no mercado de trabalho ou para ingressar nos meios acadêmicos já na modernidade, as negras não, já estavam no mundo do trabalho há séculos, e de forma desumana por serem consideradas sem inteligência.

Desta forma, no momento atual em que mulheres cada vez mais tomam nas mãos o controle da própria narrativa e de projetos políticos para a sua emancipação social, livros, filmes e outras formas de arte são ferramentas fundamentais para o grande público feminino descobrir e se descobrir, nas entrelinhas de tais narrativas, a sua libertação das consequências perversas das opressões, as quais atingem homens e mulheres a séculos.

De acordo com Bell Hooks no livro “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, imagine viver em um mundo onde todos podem ser quem são, um mundo de paz e possibilidades, sem racismo, elitismo ou imperialismo, somente pessoas - mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando seus sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que são todas e todos “iguais na criação”.

Para Bell Hooks, a revolução feminista sozinha não criará esse mundo, é preciso acabar com o racismo, o elitismo e o imperialismo, de forma que haja somente pessoas que, com um amor revolucionário, possam tocar e mudar, para a melhor, a vida de todo mundo.

A mulher negra, na pós-modernidade, começa a ser reconhecida como seu oposto, tornando-se, o sujeito da construção de sua libertação e independência, pois, hoje, uma mulher economicamente autossuficiente é mais propensa a terminar um relacionamento cuja norma seja a dominação masculina porque ela pode. Assim, uma literatura ou um filme que ajudem a informar uma multidão de pessoas, que ajudem distintas pessoas a compreenderem o pensamento e as políticas feministas, precisam ser lidas e escritas em uma vasta gama de estilos e formatos. Neste sentido, de acordo com Bell Hooks

[...] A literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas [...] Ao falhar na criação de um movimento educacional de massa para ensinar a todo mundo sobre feminismo, permitimos que a mídia de massa patriarcal permanecesse como o principal local em que as pessoas aprendem sobre feminismo, e a maioria do que

aprendem é negativa. Ensinar pensamento e teoria feminista para todo mundo significa que precisamos alcançar além da palavra acadêmica e até mesmo da palavra escrita. [...]. (2025, p.46-47)

Mas, a mulher negra, na pós-modernidade, começa a ser reconhecida como protagonista, tornando-se, cada vez mais, sujeito de sua própria história, e autoras como Bell Hooks, estimulam e oferecem um descortinar de ideologias e conceitos retrógrados sobre gênero, que só se pode notar quando, na leitura de um texto, neste estudo um filme e um romance, vislumbra-se uma contribuição positiva e construtiva para o bem-estar das comunidades negras e da sociedade em geral que geralmente são bombardeadas de representações negativas do que é ser mulher ou negra em diferentes países do mundo, de acordo com Bell Hooks, “[...] Ninguém pode negar que mulheres ocidentais, principalmente as mulheres nos Estados Unidos, contribuíram muito com o necessário para essa luta, e precisam contribuir mais.[...]” (HOOKS, 2025, p.80)

Além destas questões acerca da mulher negra, nesse estudo o fator social é também um ponto importante de análise, pois a ligação entre as condições sociais e as obras em foco, também é decisiva para entender suas particularidades. Neste contexto, o meio social, ao qual se encontram ambas personagens principais, tem um papel importante de formador da estrutura do texto, e, a interpretação estética de uma produção artística que assimila a dimensão social como fator de arte se dá, quando o elemento social externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica para ser apenas crítica, ou seja, o elemento social se torna um dos muitos que interferem na construção de um livro ou filme, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros, resultando na diversidade coesa do todo.

Logo, na animação “A princesa e o sapo” e no romance “Bará na trilha do vento” têm-se o efeito de uma determinada visão da sociedade atuando como fator estético e permitindo compreender o sentido dos textos, mostrando como sua criação, não obstante singular e autônoma, decorre de uma certa visão do mundo que, segundo Antônio Cândido, “[...] é fenômeno coletivo na medida em que foi elaborado por uma classe social, seguindo o seu ângulo ideológico próprio [...]” (CÂNDIDO, 2010, p.14)

### 3.

### ANIM

#### **AÇÃO DA DISNEY: A PRINCESA E O SAPO**

A princesa e o sapo é o primeiro filme da Disney a apresentar uma heroína afro-americana, Tiana. A história, ambientada em Nova Orleans — uma cidade onde grande parte da sua população é negra, é uma releitura do conto de fadas clássico sobre a princesa que encontra o amor verdadeiro ao beijar um anfíbio encantado, mas há mais nessa história do que apenas romance: Tiana é uma heroína negra, trabalhadora, honesta, que sonha em ter seu próprio restaurante e acima de tudo não ter como principal meta a espera de um príncipe para resgatá-la e sim em ser totalmente independente. O pai de Tiana tinha o sonho de abrir um restaurante, era um homem honesto, trabalhador e incentivava a filha desde criança a ser uma pessoa boa e sempre correr atrás de seus sonhos, e nunca esquecer o que era o mais importante. E, embora alguns reforcem a preocupação com a possibilidade de o filme focar muito somente em estereótipos — e é verdade que muitos dos personagens secundários parecem superficiais (e a subtrama de vodu do filme está longe de ser sutil) — no geral, o filme faz um bom trabalho ao trazer uma abordagem que tenta romper com outros contos do mercado televisivo, vislumbrando uma ruptura dos padrões estabelecidos, por décadas, de contos que sempre trazem uma princesa branca que sonha apenas em encontrar seu príncipe.

Dentro desse contexto, mais do que muitas animações “de princesa” anteriores, a atmosfera onírica é bem presente nesse filme e o tratamento que Tiana recebe é digno, jamais ficando em segundo plano ou sendo apenas a dama em perigo. Ao contrário, até as interações dela com Naveen — o príncipe, ambos como sapos, são hilárias e acalentadoras, quase dando vontade que os dois permaneçam na forma animal por mais tempo. Por outro lado, tanto ela quanto seu príncipe são razoavelmente unidimensionais, com seus respectivos arcos narrativos ganhando pouco desenvolvimento e sugerindo, assim, que a animação em estudo não explicitará em momento algum determinadas questões sobre as lutas negras. Assim, Amailton Magno Azevedo e Sheila Alice Gomes da Silva propõem um questionamento importante a ser analisado no texto *Era Uma Vez...: O negro no imaginário encantado*: “Como uma animação baseada num conto de origem alemã pode trazer ao público o universo de permanências e rupturas da Diáspora africana, especificamente, na América do norte?” (AZEVEDO e SILVA, apud MIRANDA, 2016)

De fato, colorir um desenho de negro não basta para trazer a representatividade negra, mas é perceptível no filme o quanto Tiana é especial e que tem capacidades para além do que ela mesma sequer imaginava. A princesa que acredita que os sonhos se realizam naquela cidade onde ela teve que virar sapo e levar o crocodilo para ameaçar os corretores para conseguir seu restaurante.

Então, esse filme não se exime de explorar a força da mulher negra, mesmo que esse personagem inédito de uma princesa negra ainda apresente estereótipos como: servir graciosamente as mesas, trabalhando, reforçando a subserviência do negro na sociedade, e, ainda, Tiana ter a pele

negra, mas apresentar um fenótipo distante dos traços negroides comuns a população afrodescendente, ou seja, lábios avantajados, nariz largo. Uma negra de alma branca que menina foi criada com Charlotte uma criança branca rica como irmãs, e, que representa o negro que recebeu uma boa educação e através dela foi (ou quer ser) integrado na sociedade dominante, que é uma cozinheira de mão cheia com qualidades e defeitos, sendo simpática e bondosa, e, ainda assim ser uma musa, porque não apela para o erotismo vulgar mas, pelo contrário, é pudica e respeitável.

Logo, é importante uma análise dessa primeira princesa negra de forma criteriosa, para que se possa entender quão real e inovador os desenhos andam retratando as atitudes e formas de agir das pessoas na modernidade.

#### 4.

#### ROMA

#### NCE: BARÁ NA TRILHA DO VENTO

Bará na trilha do vento é um romance da autoria da escritora negro-paulista Miriam Alves que fala da história de uma família negra, onde a protagonista Bárbara, conhecida como Bará, representa a força, a dignidade e os valores da cultura negra brasileira, mesmo crescendo num bairro pobre da periferia de uma grande cidade.

É uma narrativa que evoca a ancestralidade africana entrelaçada por crenças, histórias e memórias, sendo também um instrumento de reivindicação na luta pelo direito a voz, em especial no combate contra as desigualdades históricas que têm sido geradas pelo racismo e pelo sexismo.

Em Bará, a palavra escrita é empregada como ferramenta de autoconhecimento, sendo estruturada em uma sintaxe negro-brasileira própria, que resulta em uma nova compreensão do mundo mediada pela busca da ancestralidade africana ou afro-brasileira.

É um romance que defende de forma mais assertiva a construção de uma imagem mais positiva da população negra brasileira no século XXI, pois é essencial, mesmo urgente, que a população negra e também a não negra, não se confronte com literaturas que representem apenas o negativo.

A narrativa também tem como característica mesclar o místico, que permeia a

ancestralidade da protagonista Bará, com o não místico, a realidade vivida por famílias negras

no Brasil, que vivem em meio a dramas e dificuldades, mas que conseguem, com muita persistência, transpor obstáculos e vencer. Como se pode observar através da fala da personagem Gertrudes (mãe de Bará) que é repleta de misticidade, mas que também revela sua história de luta na vida e o seu amor pelo conhecimento e pelas letras

[...] desde muito cedo, eu trabalhei na casa dos outros, como empregada doméstica, tive a oportunidade, na casa dos patrões, de ler livros muitos bons. Eu estudei até o segundo ano primário, minha leitura não era muito boa. Mas, eu fui lendo todos aqueles livros quando eu terminava o meu trabalho e fui melhorando. Também, prestava muita atenção no pessoal da casa falando, eles eram letrados, doutores ou estudando em escolas boas [...] eu sempre quis saber mais. Aprender [...] (ALVES, 2015, p.38)

A autora Miriam Alves constrói um texto em que ela destaca a garra de Bará e sua família em não se acomodar em virtude de sua condição social, econômica ou por sua raça, ao contrário, o romance mostra o desenvolvimento do estabelecimento comercial dos pais de Bará na Vila Esperança e o reconhecimento de outros personagens dessa narrativa aos membros da família de Bará e à própria protagonista. Miriam produz uma narrativa em que o preconceito racial submerge a potencialidade da raça. Como fica evidente na citação abaixo, na qual o imigrante e astuto negociante, dono da VITURES, Sr. Afad, rende elogios aos pais de Bará, mesmo sendo um branco preconceituoso.

[...] gosto de pessoas como o senhor e sua admirável esposa. Esforçados, trabalhando de sol a sol, sem preguiça. Com o desejo de progredir. Vocês são diferentes do pessoal da Vila. A maioria é honesta são trabalhadores, mas sem ambição. Não olham para o futuro. Não enxergam longe. Emprego, uma casinha está de bom tamanho para eles. Vocês não! São como eu, apesar de serem... [...] (ALVES, 2015, p.161)

Como protagonista, a personagem Bará é o principal testemunho do sucesso característico da ascensão social de uma família negra da periferia de São Paulo, ligada à linhagem secular de mulheres resistentes, fortes, vigorosas e decididas – a tríade (Bará, sua mãe Gertrudes e sua avó Patrocina), superando todos os obstáculos que o sistema escravista legou à sociedade brasileira. E isso fica claro no romance na seguinte passagem em que Bará, já adulta, com brilho nos olhos de emoção, fala ao seu amado marido

[...] ‘Heitor! Amor, eu me distraí ouvindo a música do vento. Mas já parou de ventar. Não é mesmo?’. Terminou a frase com um beijo demorado nos lábios carnudos do amado. ‘Tenho duas notícias para lhe dar. A primeira, sim, nós vamos abrir nosso escritório. Decidi arriscar, faz parte da vida e temos que viver sem medo. O resto ... bom como dizia a minha avó, não se fala tudo que se sabe [...]’ (ALVES, 2015, p.209-210)

Assim, comparando o filme “A princesa e o sapo” ao romance “Bará na trilha do vento” fica evidente que são textos que apresentam histórias diferentes, estilos diferentes e gêneros textuais diferentes, mas que, tematicamente, dialogam no que tange questões como feminismo e estereótipos



para com a mulher negra nos EUA e no Brasil, abordando esses temas de modo que o público, que conheça ou que queira conhecer o legado histórico da raça negra nesses dois países, seja tocado por duas artes distintas, mas que apresentam o início da quebra das estigmatizações sobre a raça negra, vislumbrando também a importância do social na formação do sentido e da estrutura estética dessas duas produções, pois ela decorre de uma visão do mundo em uma determinada época e dentro de um determinado meio social.

Em relação aos estigmas, Miriam Alves se empenha, em sua literatura, em desconstruí-los, retratando o espaço de um novo sujeito da massa negra em luta, aquele que tem sonhos e aspirações como os brancos, que é senhor de si mesmo, mas que não negligencia sua ancestralidade, como sugere o próprio apelido da protagonista desse romance, pois Bará, na língua yoruba, quer dizer força.

Dessa forma, ao eleger a menina Bará como protagonista, Miriam Alves possibilita, definitivamente, uma maior visibilidade de uma parcela da população negra brasileira que é independente, instruída e ética, e que também dialoga com outras vozes da realidade social atual do Brasil onde mais de 50% da população é negra ou negro-descendente.

No filme “A princesa e o sapo”, a personagem negra Tiana, é uma heroína engenhosa e trabalhadora, um ótimo exemplo a ser seguido e uma das primeiras heroínas da Disney que não precisa ser resgatada por um homem, e esse é o fator mais importante dessa narrativa, considerando-se o fato de que a crítica tenha se preocupado com a possibilidade de o filme reforçar apenas os estereótipos. Muito embora a projeção do negro nas mídias ainda não seja diferente da dura realidade social que muitos negros ainda vivenciam nos EUA e no Brasil, por isso é fundamental o reconhecimento positivo da experiência negra na ficção e na realidade, pois “[...] a cultura da mídia pode fomentar a discussão sobre o racismo no momento que ela confronta estereótipos e estigmas, assim como, ela pode enfraquecer essa violência utilizando de representações positivas.” como afirma (KELLNER, 2001, p.130)

Essas duas produções posicionam-se a contrapelo da memória oficial e corrente que ainda insiste em apresentar a mulher negra brasileira e norte-americana como carente e inferior.

Assim, a representatividade da mulher negra, nos dois textos analisados, está começando a viabilizar a construção do negro que se extenue dos padrões conformistas e estereotipados criados por alguns autores e produtores. Para (RIBEIRO, 1998, p.12), “a existência de preconceitos não é natural. O homem não nasce com preconceitos, ele os

aprende socialmente. Ao aprendê-los, é claro que seu comportamento está sendo influenciado.”

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois objetos desse estudo se destacam e são urgentes no século XXI, pois falam da mulher negra, com menos estranheza, mostrando que a alteridade pode e deve ser entendida de modo positivo, com naturalidade. De um lado Tiana, uma mulher negra engenhosa e trabalhadora, um ótimo exemplo a ser seguido e uma das primeiras heroínas da Disney que não precisa ser resgatada por um homem, fugindo dos padrões estabelecidos pelo eurocentrismo, uma princesa inédita para a Disney. De outro lado Bárbara ou Bará, uma menina que herda da avó e da mãe a força, a garra e o respeito pela sua cultura e seu meio social, se transformando, assim como Tiana, numa mulher independente e destemida que não precisa de um homem para se destacar enquanto sujeito de sua própria história, mas que, igual a Tiana, encontrou um amor e um companheiro para seguir sua luta na sociedade afrodescendente a qual faz parte.

Dessa forma, tanto o filme quanto o romance em estudo dão voz e forma a mulher negra resolvida que consegue vencer sem esquecer sua história e ancestralidade, recuperando memórias sufocadas desde o período colonial em suas múltiplas facetas.

Geralmente a personagem negra, na ficção brasileira e norte-americana, está ligada, direta ou indiretamente, à perspectiva que coloca a Europa e seus valores como centro do mundo, vendo-a como a protagonista da história e o modelo a ser seguido por outras nações, bem como à posição subalterna do negro, o que reflete que a memória oficial dos desses países foi plasmada pelo colonizador e prossegue sendo repetida pelos seus continuadores até hoje.

Portanto, a escolha do romance e do filme em estudo é em virtude de sua abrangência cultural e social, bem como da importância de seus temas ao exaltar a luta de mulheres negras em combater preconceitos e estereótipos pré-estabelecidos, fazendo o leitor e o público se orgulhar de suas representações.

## 6. REFERÊNCIAS:

ALVES, Miriam. **Bará na trilha do vento**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.

ANDREWS, George Reid. **O negro no Brasil e nos EUA**. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451985000200013>. Acesso em: 02 de agosto de 2025.

ARIAS, Juan. **O racismo do Brasil é diferente dos EUA?** Um filósofo diz que a discriminação dos negros no país é mais social que racial. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/26/opinion/1466966859\\_490736.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/26/opinion/1466966859_490736.html). Acesso em: 10 de agosto de 2025.

AUGEL, Moema Parente. **Na trilha de Miriam Alves.** Disponível em: <http://letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficção/86-miriam-alves-bara-na-trilha-do-vento>. Acesso em: 05 de agosto de 2025.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade.** 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre azul, 2010.

FAN, Ritter. **Crítica: A princesa e o sapo.** Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-a-princesa-e-o-sapo/> Acesso em: 05 de agosto de 2025.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru,SP: EDUSC, 2001.

LEITE, Gisele. **Os afrodescendentes no Brasil e nos EUA: Negros aqui e lá.** Disponível em: <http://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/os-afrodescendentes-no-brasil-e-nos-eua-negros-aqui-e-la>. Acesso em: 04 de agosto de 2025.

MIRANDA, Mary Ellen. **Resenha crítica de “A princesa e o sapo”**, animação Disney. Disponível em: <https://www.resenhando.com/2010/01/resenha-critica-de-princesa-e-o-sapo.html>. Acesso em 19 de agosto de 2025.

MIRANDA, Mayane; CHAGAS, Alice Fernandes; ROCHA, Taliane Moerira. **Discriminação racial: Paralelo entre Brasil e Estados Unidos da América.** Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/62288/discriminacao-racial-paralelo-entre-brasil-e-estados-unidos-da-america>. Acesso em: 10 de agosto de 2025.

MIRANDA, Rosa. **A princesa e o sapo e suas reproduções dos estereótipos dos negros.** Disponível em: <https://medium.com/musicais-utopias-no-audiovisual/a-princesa-e-o-sapo-e-suas-reprodu%C3%A7%C3%B5es-dos-estere%C3%B3tipos-dos-negros-4362fc21970b>. Acesso em 20 de agosto de 2025.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Política: Quem manda, por que manda, como manda.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ROBLEDO, S. Jhoanna. **A princesa e o sapo.** Disponível em: <https://www.commonsemmedia.org/movie-reviews/the-princess-and-the-frog>. Acesso em 12

de agosto de 2025.

RODRIGUES, J. C. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SILVA, Viviane de Almeida; JUSTINO, Elisangela; GOMES, Monique Pereira; CAMPELO, Maria Eloisa Borba Martins. **Uma análise sobre o filme: A princesa e o sapo**. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade\\_1datahora\\_11\\_08\\_2014\\_17\\_08\\_20\\_idinscrito\\_488\\_569a4c6fe81f7250acbdba8c9b29bc8e.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1datahora_11_08_2014_17_08_20_idinscrito_488_569a4c6fe81f7250acbdba8c9b29bc8e.pdf). Acesso em 12 de agosto de 2025.

VARGAS, de Márcia. **A história das mulheres negras no Brasil**. Curitiba, 2016.